

CHARLES
FINNEY

SERVO DE
DEUS

VOLUME 2

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

CONTATO:

Whatsapp Central de Ensinos Bíblicos com áudios, palestras e textos do Escriba de Cristo

Grupo de estudo no whatsapp
55 13 996220766 com o Escriba de
Cristo

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Dados Internacionais da Catalogação na
Publicação (CIP)

M543 ESCRIBA DA HISTÓRIA 1969 –

Charles Finney, servo de Deus Volume 2

Pedro de Toledo/SP, Livrorama

Bibliomundi, Amazon.com, 2021, 520 p. ; 21 cm

ISBN: 9798849901442 Edição 1º

1. Teologia 2. Bíblia 3. Vida cristã
4. Biografia 5. Charles Finney

CDD 920

CDU 92

Conteúdo

INTRODUÇÃO	6
O AVIVAMENTO EM STEPHENTOWN	7
OS AVIVAMENTOS EM WILMINGTON E NA FILADÉLFIA.	20
AVIVAMENTO EM READING	58
OS AVIVAMENTOS EM COLUMBIA, E NA CIDADE DE NOVA IORQUE	86
O AVIVAMENTO EM ROCHESTER, NOVA YORK 1830	106
O AVIVAMENTO EM AUBURN, BUFFALO, PROVIDENCE E BOSTON	144
AS OBRAS NA CIDADE DE NOVA IORQUE, DE 1832 EM DIANTE	173
O INÍCIO DO TRABALHO EM OBERLIN	199
CAPÍTULO XXV QUESTÕES EM OBERLIN	226
OUTRO GRANDE AVIVAMENTO EM ROCHESTER, NOVA YORK, EM 1842	253
DE VOLTA AO TRABALHO EM OBERLIN, NA CIDADE DE NOVA YORK E EM BOSTON	273

TRABALHOS EM OBERLIN, MICHIGAN, ETC	305
VISITA A INGLATERRA, COMO EVANGELISTA, EM 1849.....	318
TRABALHOS NO TABERNÁCULO, MOOR FIELDS, LONDRES.....	349
CAPÍTULO XXXI EM CASA OUTRA VEZ	371
CAPÍTULO XXXII TRABALHOS EM OBERLIN, WESTERN E ROME.....	397
AVIVAMENTO EM BOSTON EM 1856, 1857 e 1858	423
AVIVAMENTOS EM EDIMBURGO E EM ABERDEEN (ESCÓCIA) E EM BOLTON (INGLATERRA)	457
VOLTA A OBERLIN E O GLORIOSO AVIVAMENTO ALI.....	483
CONCLUSÃO.....	506

INTRODUÇÃO

Ao ler a autobiografia de Charles Finney aqui, os leitores logo sentirão a presença de Deus, parece que o Espírito Santo continua atuando, mesmo após a morte de Finney, já se faz quase 150 anos da sua morte, mas o poder de Deus que acompanhou sua vida, continua operando até hoje através do testemunho que ele deixou. Duas palavras resumem bem o que foi a vida e ministério de Charles Finney Oração e conversão. Por onde Finney passava o coração das pessoas ardiam desejando a salvação e impulsionadas a clamarem a Deus. Nesta segunda parte da autobiografia de Finney continuaremos lendo relatos e mais relatos de obras maravilhosas que o Espírito Santo fez através das pregações que encurralavam o pecador a se decidir por Cristo. Mas acho que Finney converteu mais cristãos do que ímpios.

Não foi só na América do Norte que Finney viu o Espírito Santo cair e abater os ouvintes em terra. Na Inglaterra, durante os nove meses de evangelização, que Finney promoveu lá, multidões também se prostraram enquanto ele pregava – em certa ocasião mais de dois mil, de uma vez.

Finney continuou a inspirar os estudantes de Oberlin College até a idade de 82 anos. Já no fim da vida, permanecia tão lúcido de mente como quando jovem e sua vida nunca foi tão rica no fruto do Espírito e na beleza da sua santidade

do que nesses últimos anos. No domingo, 16 de agosto de 1875, pregou seu último sermão. Mas de noite não assistiu ao culto. Ao ouvir os crentes cantarem “Jesus lover of my soul, let me to Thy bosom fly”, saiu até o por-tão na frente da casa, e com estes que tanto amava, foi a última vez que cantou na terra. Acordou-se à meia-noite, sofrendo dores lancinantes no coração. Sofrera assim muitas vezes durante a sua vida. Semeara as sementes de avivamento e as regara com lágrimas. Todas as vezes que recebeu o fogo da mão de Deus, foi com sofrimento. Finalmente, antes de amanhecer o dia, dormiu na terra para acordar na Glória, nos céus. Faltavam-lhe apenas treze dias para completar 83 anos de vida aqui na terra. [1]

CAPÍTULO XVII.

O AVIVAMENTO EM STEPHENTOWN

Depois da convenção, permaneci um pouco mais em New Lebanon. Não creio que ela tenha prejudicado a situação espiritual dos habitantes daquela cidade. Haveria prejuízo para a obra se surgissem fatos que justificassem a oposição aos avivamentos, que sabidamente

existia e fora o assunto daquele encontro. Acredito, porém, que a igreja em New Lebanon acabou edificada e fortalecida pelas notícias vindas da convenção. Realmente, tudo foi conduzido num espírito que tendia a edificar os fiéis, em vez de escandalizá-los.

Pouco tempo depois de suspensa a convenção, no domingo, quando desci do púlpito, uma jovem senhora chamada Sackett, de Stephentown, foi-me apresentada. Pediu-me que fosse pregar em sua cidade. Respondi que estava com a agenda cheia e que não via possibilidade de atender ao seu pedido. Percebi que as palavras dela estavam embargadas, demonstrando profundo sentimento, mas, sem tempo para conversar com ela naquele momento, fui para a casa onde estava hospedado. Pouco depois, informei-me a respeito de Stephentown, que fazia divisa a norte com New Lebanon.

Muitos anos antes, um homem rico falecera naquela cidade, deixando para a Igreja Presbiteriana um fundo financeiro cujos rendimentos bastariam para sustentar um pastor. Pouco depois, o sr. Bogue, que fora capelão no Exército Revolucionário, foi estabelecido ali como pastor da igreja. Sob a influência desse homem, a igreja foi sucumbindo. Finalmente, ele revelou-se um incrédulo assumido, causando uma impressão desastrosa na cidade.

Bogue continuou morando ali e era abertamente hostil ao cristianismo. Depois que ele deixou o pastorado da igreja, atuaram em seu

lugar um ou dois ministros. Mesmo assim, a igreja continuou em decadência e a condição espiritual de seus membros tornou-se cada vez pior. Por fim, abandonaram o templo, pois era muito reduzido o número de pessoas que freqüentavam os cultos dominicais. Passaram a realizá-los numa escola pequena que ficava nas proximidades.

O último pastor que atuou na igreja afirmou que continuaria ali até que o número de pessoas que se reunissem para ouvir suas pregações dominicais não chegasse mais a meia dúzia. Embora existisse um fundo financeiro para seu sustento e seu salário fosse pago com regularidade, ele não se sentia no dever de gastar seu tempo atuando em semelhante campo, por isso demitiu-se. Nenhuma outra denominação conseguiu despertar o interesse público e a cidade inteira era um deserto sem moralidade. Permaneceram ali três presbíteros da Igreja Presbiteriana e cerca de vinte membros. A única pessoa solteira na igreja era a srta. Sackett, a quem me referi. Quase todo o município estava mergulhado no erro. Era um município grande e rico, com muitas fazendas, mas sem nenhuma vila de grande população.



No domingo seguinte, a srta. Sackett procurou-me de novo quando desci do púlpito e implorou que eu fosse pregar em Stephentown. Perguntou-me se eu conhecia a situação do lugar. Informei-lhe que sim, mas não via maneira de ir até lá. Ela parecia estar demasiadamente emocionada para poder conversar, não conseguia controlar seus sentimentos. Esse fato, acrescido das informações que eu obtivera a respeito do lugar, começou a causar-me forte impressão. Senti-me de repente profundamente comovido com a situação de Stephentown e então respondi à srta. Sackett que, se os presbíteros da igreja desejassem minha visita, ela poderia fazer circular o aviso de que, se o Senhor permitisse, eu pregaria em sua cidade no domingo seguinte, às cinco da tarde. Assim, poderia pregar duas vezes em New Lebanon e depois cavalgar até Stephentown a tempo de

pregar ali. Ao ouvir minha proposta, seu rosto ficou iluminado. Parecia que um peso lhe fora tirado do coração. Voltou para casa e logo tratou de espalhar a notícia.

O interessante neste depoimento de Charles Finney é que ele iria de cavalo de uma cidade a outra. Dura vida dos pregadores daquela época.

No domingo seguinte, depois de ter pregado pela segunda vez, um dos jovens convertidos de New Lebanon ofereceu-se para me levar a Stephentown em sua charrete. Quando ele me veio buscar, perguntei-lhe: — Seu cavalo é confiável?

— Oh, sim, perfeitamente! — respondeu ele. E perguntou, sorrindo: — Por que faz essa pergunta?

Respondi:

— Se o Senhor quer que eu vá a Stephentown, o Diabo tentará impedir. E, se seu cavalo não for de total confiança, o Diabo o usará para me matar.

Ele sorriu e continuamos viagem. Por estranho que possa parecer, antes de chegarmos ao nosso destino o cavalo fugiu do controle duas vezes e esteve perto de matar-nos. O dono, atônito, declarou nunca ter visto algo semelhante acontecer.

Mesmo assim, chegamos com segurança e em tempo útil à casa do sr. Sackett, pai da srta.

Sackett. Ele morava a quase um quilômetro da igreja, na estrada para New Lebanon, de modo que tínhamos de passar por ali antes de chegar a Stephentown. Ao entrarmos, Maria — esse o nome da srta. Sackett — veio ao nosso encontro, acolheu-nos com lágrimas de alegria e indicou-me um quarto, onde eu poderia ficar sozinho. A hora do culto ainda não chegara e, sentado ali sozinho, pude ouvir Maria orando no quarto acima do meu. Na hora do culto, fomos todos juntos para o templo e encontramos ali um grande número de pessoas. E comecei a pregar.

A congregação manteve-se muito atenta, mas nada de muito significativo ocorreu naquela tarde. Passei a noite na casa do sr. Sackett e pareceu-me que Maria passou a noite inteira orando em seu quarto. Eu podia escutar-lhe a voz baixa e trêmula, freqüentemente interrompida por soluços e choro audíveis. Eu não havia combinado de pregar outra vez, porém antes de minha partida, na manhã seguinte, Maria implorou tanto que prometi voltar no domingo seguinte, no mesmo horário. Uma semana depois, retornei e a reação do povo foi quase a mesma, com a diferença de que o número de ouvintes era bem maior. O templo, por ser antigo, recebera escoras fortes nas galerias, instaladas durante a semana, para evitar um possível desabamento. Percebi um aumento notável de seriedade e de interesse no segundo sermão ali. Combinei, então, pregar ali mais uma vez. E, no

terceiro culto, o Espírito de Deus foi derramado sobre a congregação.

O juiz Platt morava numa aldeia pequena dentro do município e muitos de seus filhos ainda não eram convertidos. No fim do culto, quando descí do púlpito, a srta. Sackett me esperava embaixo da escadaria e indicou-me um banco — a igreja ainda tinha aquelas bancadas quadradas antigas — no qual estava uma jovem grandemente tomada pela emoção. Falei com ela e descobri tratar-se de uma das filhas do juiz Platt. Ela estava sob profunda convicção de pecado. Sentei-me ao lado dela e dei-lhe algumas instruções — acho que, antes de sair do templo, ela já estava convertida. Era uma jovem muito inteligente e sincera e passou a ser uma crente dedicada. Posteriormente, casou-se com o evangelista Underwood, conhecido pregador, especialmente nas igrejas de Nova Jersey e da Nova Inglaterra. Parece que ela e Maria Sackett passaram imediatamente a orar juntas.

[As pregações de Finney levavam as pessoas a sentirem os seus pecados e a necessidade de salvação. Hoje parece que as pessoas estão anestesiadas, não sentem arrependimento.]

Até aquela altura, porém, eu não vira muita mudança entre os membros mais velhos da igreja. O tipo de relacionamento que mantinham uns com os outros iria exigir bastante

arrependimento e confissão até que pudessem participar da obra. O trabalho em Stephentown passou a exigir que deixasse New Lebanon e passasse a morar ali. Naquele período, um espírito de oração viera poderosamente sobre mim, da mesma forma que já operava na vida da srta. Sackett havia algum tempo. Esse poder espalhava-se de modo tão notório que logo a obra passou a progredir de maneira poderosa. Tanto assim que a Palavra do Senhor derrubava os corações dos homens mais fortes e tornava-os inteiramente indefesos, por ação do Espírito Santo. Poderia citar muitos casos ocorridos nesse período.

Um dos primeiros que me vêm à memória ocorreu num domingo, enquanto eu pregava sobre o texto "Deus é amor". Havia ali um homem chamado Jowles, fazendeiro genioso e de considerável destaque no município. Ele sentou-se quase à minha frente, próximo ao púlpito. A primeira coisa que observei foi que ele caiu e parecia estar em grande crise. Contorceu-se em agonia uns poucos momentos, gemendo com profunda emoção, mas depois aquietou-se e ficou quase imóvel. No entanto, parecia inteiramente desamparado. Continuou nesse estado até o final do culto e então foi levado para casa. Converteu-se pouco depois e tornou-se instrumento poderoso para influenciar seus amigos a virem a Cristo. Casos semelhantes passaram ser comuns naquela obra de avivamento.

Zebulon R. Shipherd, célebre advogado do condado de Washington, NY, começou a dar plantão no fórum de Albany e ficou sabendo do avivamento em Stephentown. Então, organizou seus compromissos de modo a que lhe fosse possível empenhar-se comigo na obra. Crente sincero, freqüentava todos os cultos, experimentando grande alegria. Estava presente quando as eleições de novembro foram realizadas no estado. Fiquei muito preocupado com a chegada do dia das eleições, pois temia que as emoções daquela data retardassem a obra espiritual. Exortei os cristãos a vigiar e orar grandemente, para que o trabalho não fosse interrompido pelas excitações daquele dia.

Preguei na noite seguinte ao encerramento das eleições. Então, ao descer do púlpito, o sr. Shipherd — que, aliás, era o pai de J. J. Shipherd, que estabelecera Oberlin — fez-me sinal para que eu fosse até o banco onde ele estava sentado, num canto do templo à esquerda do púlpito. Fui até ele e vi um dos cavalheiros que servira como mesário durante o dia, responsável pela contagem dos votos. Estava tão dominado pela convicção de pecado que não conseguia levantar-se do assento. Conversei e orei com ele e mostrou-se claramente convertido. Enquanto isso acontecia, uma porção considerável da congregação permanecera sentada. Quando me afastava, fui chamado para atender alguém que estava à direita do púlpito, onde um homem que também trabalhara na

eleição, recolhendo os votos na urna, se encontrava na mesma condição de espírito. Estava demasiadamente dominado pela emoção para sair do lugar. Fui também conversar com ele e, se bem me recordo, sua conversão ocorreu antes de ele sair do templo. Cito esses episódios como exemplos do tipo do trabalho realizado naquele local.

Já mencionei que a família do sr. Platt era grande. Lembro-me de que era composta de 16 pessoas — filhos e netos — e todos se converteram. Creio que se uniram à igreja antes que eu partisse de Stephentown. Havia outra família no município, de nome Moffit, que também era grande e influente, mais que qualquer outra na região. A maioria de seus membros morava dispersa ao longo de uma rua que, se não estou enganado, tinha oito quilômetros de comprimento, numa região agrícola bastante populosa. Descobri que não havia uma única família crente ao longo de toda aquela rua, uma única casa que mantivesse um culto doméstico.

Marquei um horário para pregar em uma escola situada ali e, quando cheguei, o local estava superlotado. Usei como tema o versículo: "A maldição do SENHOR está sobre a casa dos ímpios" (Pv 3.33). O Senhor capacitou-me para discernir claramente o assunto e a mostrar como a maldição divina repousa sobre a casa dos descrentes. Revelei que entendia não existir uma única família de oração naquele distrito inteiro. A

realidade era que o município estava numa situação terrível. A influência do sr. Bogue, seu ex-pastor e agora um incrédulo, produziu seus frutos naturais: sobrara muito pouca convicção da realidade espiritual entre os incrédulos da região. Acredito que aquele culto resultou em convencimento de pecado para quase todos os presentes. O avivamento propagou-se naquela vizinhança e lembro-me de que na família Moffit houve 17 conversões a Cristo.

Havia, no entanto, várias famílias no município que não freqüentavam os cultos, mas tinham muita predominância sobre o povo. Parece que a firme resolução de não comparecer nos cultos vinha da grande influência que o sr. Bogue mantinha sobre essas famílias. Entretanto, durante o avivamento, o sr. Bogue morreu, de maneira terrível. Chegou ao fim, então, a oposição que ele semeara entre aquelas famílias. No entanto, eu não conseguia imaginar um modo de fazer aquelas pessoas comparecerem às reuniões.

A srta. Seward, a quem já me referi, que residia em New Lebanon e havia se convertido em Troy, ficou sabendo das famílias que não freqüentavam a igreja e veio para Stephentown. Seu pai era homem bem conhecido e muito respeitado na cidade, recebido com deferência em qualquer casa da região. A srta. Seward foi visitar uma das referidas famílias. Acredito que tivesse amizade com as filhas do casal. Seja como for, conseguiu que elas a acompanhassem

ao culto no domingo. Logo aquelas jovens passaram a interessar-se tanto pelos cultos que ninguém precisava persuadi-las a freqüentá-los. Continuaram a vir por conta própria.

A srta. Seward foi visitar outra família, obtendo o mesmo resultado. Depois, procurou outra e, finalmente, acredito, conseguiu a presença de todas as famílias que se haviam afastado da igreja. Converteram-se quase todas — ou talvez todas — antes de minha partida. A verdade é que quase todos os habitantes de influência filiaram-se à igreja e a cidade foi moralmente renovada antes que eu a deixasse, no outono de 1827. Jamais voltei a Stephentown, no entanto recebo notícias de lá e sei que o avivamento produziu resultados permanentes. As conversões revelaram-se reais e, segundo entendo, a igreja mantém excelente grau de vigor espiritual.

As doutrinas e os métodos eram os mesmos de outros avivamentos em que trabalhei. Os cultos eram caracterizados pela perfeita ordem e por grande respeito espiritual. Não houve indícios de desregramento, exagero, heresia, fanatismo ou qualquer outra coisa que se pudesse lamentar. Os resultados da convenção em New Lebanon não foram favoráveis à oposição movida pelo dr. Beecher e pelo sr. Nettleton. Conseqüentemente, não houve mais notícia alguma de qualquer oposição apoiada pela autoridade deles, nem em Stephentown, nem em qualquer outro lugar.

Assim como acontecera em outros lugares, as características notáveis desse avivamento foram: 1) predominância de um poderoso espírito de oração; 2) forte convicção de pecado; 3) repentinas e poderosas conversões a Cristo; 4) grande amor e intensa alegria dos convertidos; 5) cultura e estabilidade religiosa dos convertidos; 6) grande seriedade, atividade e proveito nas orações e esforços feitos a favor do próximo.

Esse avivamento ocorreu no município adjacente a New Lebanon, imediatamente após a convenção em que a oposição recebeu seu golpe mortal. Pessoalmente, raras vezes atuei num avivamento com mais satisfação e com menos oposição que em Stephentown. No início, os ouvintes ficaram um pouco irritados com a pregação, mas, a operação do Espírito Santo foi tão poderosa que não ouvi mais reclamações da parte de nenhum ouvinte.

O dr. Beecher, em suas memórias, alega que nós, envergonhados dos métodos que utilizávamos, os alteramos. E ele atribui a si mesmo e ao sr. Nettleton o crédito dessa suposta mudança. Assim, ungiram com lisonjas a própria alma. Isso é um grande equívoco, porém e posso afirmar com toda a sinceridade que a oposição deles nunca me envergonhou, nunca me convenceu de que eu estivesse errado e nunca me levou a mudar em nada a maneira de conduzir os avivamentos. Eu tinha a certeza de estar agindo corretamente. Permaneço com essa